

APRESENTAÇÃO

TIVE O PRIVILÉGIO E O PRAZER de fazer parte da banca de defesa da tese de doutoramento da Elisabeth da Rocha Miranda, que agora se torna livro, de acordo com a indicação de sua publicação. O texto que chega aos leitores é parte desse trabalho extraordinário e audacioso quer pelos avanços teóricos, ao abordar a última parte, difícil e complexa, do ensino de Jacques Lacan, quer por propor uma clínica do gozo Outro, dito feminino, $S(A)$.

Beth nos traz vários exemplos da literatura e de sua clínica particular, assim como segue as referências feitas por Lacan em torno do tema. O resultado é um texto polifônico: topologia, lógica, poesia e clínica psicanalítica tocam nessa partitura textual diferentes variações em torno do furo do Outro. Somos levados a questões lógicas e a casos literários e clínicos de maneira muito agradável, gostosa e mesmo gozosa, sem que a autora recue diante dos impasses encontrados e deixe de rever o que disseram comentadores de Lacan, dando a César o que é de César. Assim, associa o rigor à leveza e a teoria à beleza, produzindo um material de grande fecundidade, ao qual acrescenta uma releitura de Sigmund Freud, em que traça pontes nada evidentes até o ensino de Lacan, mas que lá estavam à sua espera.

Valendo-se das fórmulas da sexualização de Lacan, Beth propõe coisas novas e interessantes que nos fazem pensar. Por exemplo, compara a “exceção feminina” com a posição de exceção daquele que diz não à função fálica referida ao pai da horda primitiva do mito de *Totem e tabu*, e que se encontra do lado masculino na sexualização. A exceção feminina do lado masculino seria um paradoxo, mas isso não impede que mulheres se identifiquem com esse lugar, na condição de menos uma que diz não à função fálica, como o revelam a tirana, a déspota, a generala e a dama de ferro. À luz do que constatamos na clínica, não é incomum que homens situem uma mulher ou a mãe nesse lugar.

Já do lado propriamente feminino, não há “exceção feminina”, e sim excesso de gozo, que transborda, sem limites, sem razão, em correspondência ao gozo Outro. Não há, portanto, exceção em relação à função fálica, como do lado masculino. As mulheres, como seres sexuados, passam sim pela castração, ou antes, os seres sexuados que se inscrevem desse lado conservam certa independência em relação ao sexo biológico. Se, como diz Freud, as mulheres têm mais angústia em virtude da separação do que da castração, não é porque não passem pela castração. Não há mulher que não passe pela castração, assim como não há mulheres que não tenham angústia de castração, isto é, angústia da ordem do ter. Basta ver como muitas delas ficam quando perdem celulares, joias ou sombrinhas. Algumas, aliás, vivem perdendo suas coisas.

O “não-todo” na castração do lado feminino não significa a “exceção feminina”. A relação das mulheres com a castração é de tal modo permanente, que a elas, como Beth diz, o que interessa nos homens é o “homem castrado”. Já os homens, por estarem na lógica do todo fálico, encontram-se tomados pela perspectiva da castração e, por isso, não querem saber nada a tal respeito. Em “Análise terminável e interminável” (1937), Freud fala sobre o rochedo de castração para os homens e a dificuldade que eles têm de se submeterem a um superior, sem se sentirem castrados. Ora, isso ocorre segundo a lógica do todo fálico, razão pela qual a análise deve levar homens e também mulheres a sair desse confinamento do universo fálico, ou seja, rumo ao lado do não-todo, condição para alguém ser analista e poder conduzir análises.

A grande contribuição deste livro, todavia, é investigar uma clínica do gozo Outro e suas diversas manifestações, vale dizer, os modos como o gozo feminino incide na subjetividade. Para isso, aborda a loucura, o gozo feminino e o desarrazoado (*sans raison*) a que este está vinculado, bem como o desarrazoado inefável e inassimilável nos fenômenos dele derivados.

Nos termos de Beth, o gozo suplementar se encontra disfarçado pela mascarada feminina e faz da mulher o Outro sexo para os dois sexos. As mulheres têm relação direta com essa alteridade que está nelas mesmas, a outra ela, e que, à sua revelia, as tornam loucas em determinados encontros. Assim, se o gozo feminino está em concordância com a Coisa, como fora do simbólico, se cada mulher é representada pelo significante que, por si só, indica que o Outro é faltoso, podemos dizer que, situada nesse lugar de $S(\mathcal{A})$, uma mulher apresenta fenômenos que revelam uma vivência fora do falo e, portanto, desarrazoada e louca. Eis a tese que, brilhantemente, seu texto defende, ilustra e demonstra de maneira convincente.

Antonio Quinet